

24. Voltar para o rebanho, misericordiosos como o Pai

Ontem dizia, a propósito da conclusão das Laudes e Vésperas segundo São Bento (cf. RB 13,12-14; 17,8), que é como se para ele o Pai Nosso e o *Kyrie eleison* se fundissem, porque expressam o mesmo pedido de misericórdia. Rezar, "Senhor, tem piedade!", é como concentrar em um único clamor todo o Pai Nosso. Mas, ao mesmo tempo, entendemos que sem o Pai Nosso, não saberíamos o que pedir quando clamamos, "*Kyrie eleison!*".

O que é o Pai Nosso? O Pai Nosso é Jesus que nos ensina a rezar como Ele. Jesus estava rezando, e quando vai até seus discípulos, talvez na manhã após uma noite em oração ou voltando de um lugar deserto, irradiando a "perfume" da sua oração e a "luz" do seu encontro com o Pai, eis que naquele momento um discípulo faz, finalmente, a pergunta mais importante, que um ser humano pôde fazer ao Filho de Deus feito homem: "Senhor, ensina-nos a rezar!" (Lc 11,1).

O que podemos pedir mais ou melhor a Cristo, se não isto? No entanto, quem sabe porque, até então nenhum dos discípulos tinha ousado fazer. É a pergunta mais importante, porque é uma pergunta que vai ao coração da pessoa de Jesus Cristo, e também ao coração de Deus, ao coração da Trindade. É como puxar uma flecha que acerta o centro de toda a realidade, da realidade incriada e da realidade criada.

São João Paulo II, escrevia em sua carta apostólica *Novo millennio ineunte*, no início do terceiro milênio: "É necessário aprender a rezar, voltando sempre de novo a conhecer esta arte dos próprios lábios do divino Mestre, como os primeiros discípulos: «Senhor, ensina-nos a orar» (Lc11,1). Na oração, desenrola-se aquele diálogo com Jesus que faz de nós seus amigos íntimos: «Permaneci em Mim e Eu permanecerei em vós» (Jo 15,4). Esta reciprocidade constitui precisamente a substância, a alma da vida cristã, e é condição de toda a vida pastoral autêntica. Obra do Espírito Santo em nós, a oração abre-nos, por Cristo e em Cristo, à contemplação do rosto do Pai. Aprender esta lógica trinitária da oração cristã, vivendo-a plenamente sobretudo na liturgia, meta e fonte da vida eclesial, mas também na experiência pessoal, é o segredo dum cristianismo verdadeiramente vital, sem motivos para temer o futuro porque volta continuamente às fontes e aí se regenera." (NMI § 32)

Mas eis que quando Jesus nos ensina a rezar ao Pai, onde insiste mais e pede para nos empenharmos, não é sobre o que diz respeito diretamente à oração, mas sobre a disponibilidade para perdoar as dívidas dos irmãos e irmãs, como o Pai os perdoa. "Pois, se perdoardes aos homens as suas culpas, também o vosso Pai Celeste vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará as vossas culpas." (Mt 6,14-15)

Em outras palavras, aquilo que Jesus insiste mais é, mais uma vez, que sejamos "misericordiosos como o Pai" (Lc 6,36). E isto significa que "rezar como Jesus", ter a relação com Deus Pai como Jesus, é antes de tudo, viver as relações humanas dentro da relação com o Pai misericordioso que nos perdoa e nos perdoa todas as dívidas. A parábola do devedor, ao qual o patrão anistia uma imensa dívida, mas em seguida, não anistia a dívida irrisória de seu companheiro, é a ilustração da consciência e

responsabilidade, que deve criar em nós a graça de poder rezar ao Pai, como o Filho unigênito (cf. Mt 18,23-35).

Mas tornemos a passagem do capítulo 13 da Regra, em que São Bento nos fala da oração do Pai Nosso: "Não termine, de forma alguma, o ofício da manhã ou da tarde sem que o superior diga, em último lugar, por inteiro e de modo que todos ouçam, a oração dominical, por causa dos espinhos de escândalos que costumam surgir, de maneira que, interpelados os irmãos pela promessa da oração que estão rezando: "perdoai-nos assim como nós perdoamos", se preservem de tais vícios." (RB 13,12-13)

O que são estes "espinhos de escândalos que costumam surgir – *scandalorum spinas quae oriri solent*" (13,12)? Entendemos daquilo que nos cura e purifica deste vício: a promessa dita na oração: "Perdoai-nos assim como nós perdoamos".

É uma oração (*oratio*) e é uma promessa (*sponsio*); literalmente "a promessa da oração – *orationis sponsio*".

A nossa liberdade pode prometer, pode se empenhar, mas sabe que para manter a promessa necessita pedir, pedir a Deus que seja Ele a nos fazer manter o nosso compromisso. Porque aqui se trata de lutar contra os espinhos, contra os arbustos que crescem sempre, que nunca terminaremos de cortar ou arrancar, que sempre renascem. É entre estes espinhos, estes arbustos espinhosos que a ovelha se perde e se fere, e fica sempre presa, e necessita do Bom Pastor para se desvencilhar, porque mais tenta desvencilhar-se sozinha, mais permanece presa e se fere.

Apenas as promessas que fazemos clamando, podemos manter, porque as mantemos confiando-nos à graça de Deus. Neste caso, é possível perdoar as dívidas dos outros, somente pedindo a Deus, para perdoar a nossa.

A nossa tendência para não perdoar as dívidas dos irmãos e irmãs, é realmente como os espinhos e arbustos, que renascem sempre e do qual não conseguimos nos libertar sem a ajuda do Pastor. Se prestarmos atenção, percebemos que passamos o tempo acumulando as dívidas dos outros em relação a nós. Os outros "deveriam" ser ou não ser como gostaríamos que fossem ou não fossem, fazer ou não fazer aquilo que gostaríamos que fizessem ou não fizessem, dizer ou não dizer o que queremos ou não queremos que dissessem. Estamos quase sempre com o caderninho em mãos, para anotar a lista de dívidas de outros, isto é, tudo o que reclamamos sobre os outros. Tentem prestar atenção, mesmo em meia hora, a quantas dívidas dos outros conseguimos enumerar. Claro, muitas vezes é verdade que os outros nos devem isto ou aquilo. Mas para Jesus, o verdadeiro problema é que esta nossa tendência nos faz mal, são arbustos espinhosos nos quais nos ferimos, onde aprisionamos nós mesmos, onde perdemos a nossa liberdade de amar e, sobretudo deixar-nos amar, sem medida, pelo Pai. Esta tendência nos impede de viver a misericórdia, de recebê-la e vivê-la, de viver em ação de graças pela sua superabundância que nos permite distribuí-la, também nós sem medida, perdoando todas as pequenas ou grandes dívidas dos outros.

A misericórdia de Deus é como uma enorme barragem de amor divino, que espera penetrar todas as áreas de nossas vidas, na medida em que as desocupamos perdendo as dívidas dos irmãos e irmãs. Misericordiosos como o Pai, nos tornamos somente perdendo a cada momento, as dívidas reais ou imaginárias, que os outros têm com relação a nós. E este é exatamente, um exercício constante da nossa liberdade que pede misericórdia a Deus e a doa, que deixa fluir através de nós, a infinita misericórdia do Pai.

A misericórdia de Deus para conosco, porém, não nos pede apenas para perdoar as dívidas dos irmãos: nos torna devedores de todos. Todos se tornam nossos credores: não são mais eles que nos devem algo, mas nós que estamos em dívida para com os outros. São Paulo expressou muito bem esta inversão de situação. Escreve aos Romanos: "Não deveis nada a ninguém, a não ser o amor mútuo, pois quem ama o outro cumpriu a Lei" (Rm 13,8).

Quem ama "cumpra a Lei", isto é, paga a sua dívida com Deus e com todos. Mas, como exprime aqui São Paulo, entendemos que esta dívida do amor, não acabaremos nunca. Porque a "Lei" agora é o mandamento novo de Jesus: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros" (Jo 13,34).

Cristo nos amou e nos ama sem medida, dando-nos a sua vida, dando-nos todo o seu Ser, a sua humanidade e divindade. Ele nos ama infinitamente. Amar-nos uns aos outros como Ele nos amou, é então, uma "dívida de amor" que nunca esgotaremos, que nunca extinguiremos com ninguém. Mas devemos permitir à nossa vida, a tudo o que somos, que fazemos, dizemos, pensamos, possuímos, de consumir-se, perder-se e derramar-se constantemente dentro deste ser devedores aos outros, porque Cristo deu-se completamente por nós.

Jesus, e em seguida, São Paulo, como São João, falam do amor "recíproco", de amarmos "uns aos outros". Porque todos fomos salvos por Cristo, e cada um de nós é devedor do amor de Cristo a todos os outros. A Igreja é, e deveria ser como um grande incêndio em que cada batizado é um pedaço de madeira, pequeno ou grande não importa, precioso ou vil não importa, que se entrega às chamas da caridade de Cristo. É isto que faz da Igreja e de cada comunidade, testemunhas e instrumentos da misericórdia do Pai: "Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim" (Jo 17,22-23).

Fiz notar que no capítulo 27 da Regra, São Bento escreve que o Bom Pastor traz, em seus ombros sagrados, a ovelha perdida "ao rebanho – *ad gregem*" (RB 27,9), um detalhe que os Evangelhos não expressam. Mas São Bento faz questão de dizer explicitamente, que o amor misericordioso de Cristo reconduz quem está perdido *ao rebanho*, ou seja, na comunidade fraterna da Igreja, que cada comunidade representa e expressa. É como se a realização da misericórdia de Cristo para nós, que é a realização da misericórdia do Pai, fosse a nossa adesão à comunidade cristã. A misericórdia de Deus não se realiza em uma salvação individual, aquelas que os fariseus acreditam ter, mas se realiza em uma comunhão de ovelhas que, de uma

forma ou de outra, foram todas procuradas, encontradas e reconduzidas ao rebanho. E para a ovelha perdida e reencontrada, o rebanho é então o sinal real e visível que já não está perdida, que foi salva pela misericórdia do Senhor. O rebanho reencontrado é para nós o sinal e a experiência da Páscoa, da salvação realizada, da nova vida a qual ressurgimos quando Cristo nos perdoa e reconcilia. E neste rebanho, a ovelha poderá sentir-se, sempre, carregada nos ombros sagrados de Cristo, e poderá ver, agora mais do que nunca, as outras ovelhas, especialmente aquelas que se perdem e que o Bom Pastor sempre reconduz, com gratidão, alegria, esperança.

Muitas vezes as comunidades não vivem com esta consciência, e então é como se dentro delas, dominassem muitas dívidas não pagas, e especialmente muitas dívidas não perdoadas. Na parábola do devedor ingrato, que não tem misericórdia pelo seu companheiro como aquela que o patrão teve com ele, Mateus escreve que quando se encontrou com seu companheiro que lhe devia cem moedas "agarrou-o e começou a sufocá-lo" (Mt 18, 28). Este homem não permitiu à misericórdia de Deus de "trazê-lo de volta para o rebanho", isto é, de se tornar misericordioso como o Pai com o seu próximo, com seu irmão. Em vez de estrangulá-lo, deveria ter dito ao seu companheiro: "Alegra-te comigo, o patrão acabou de me perdoar tudo, vem, vamos juntos festejar, te pago uma cerveja, ou (como vocês preferem!) um sorvete, e não falemos mais no assunto! E de agora em diante, seremos verdadeiramente amigos, irmãos, e caminharemos juntos na gratidão inesgotável que o patrão, perdoadando minha dívida, perdoou também a tua, e aquela de todos os nossos companheiros que nos devem algo!"

A misericórdia de Deus se torna a nossa condenação se não a transmitimos, se não nos torna devedores do amor misericordioso para com todos, se não a mostramos no rebanho, se não frutifica em comunhão mais fraterna, no grande rebanho da humanidade.

Agora, depois deste mês de Corso em Roma, todos vocês vão voltar para suas comunidades, no Brasil, África, Ásia, Europa.... Neste mês, também celebramos em São Pedro, o Jubileu da Misericórdia. Por que não aproveitar deste regresso à própria comunidade, para se deixar reconduzir ao rebanho por Cristo? Como ovelhas perdidas e reencontradas que retornam para casa com o desejo de compartilhar com seus irmãos ou irmãs, a alegria de ser libertados de toda a nossa dívida com Deus, e de toda dívida do próximo para conosco. A alegria pascal de não ter outra dívida com Deus e com todos, a não ser o amor; a alegria de poder ser em Cristo pela graça do Espírito, misericordiosos como o Pai!

O meu último capítulo é sempre uma oportunidade de expressar aqui, e "urbi et orbi" através do site, a nossa gratidão a todos os que fizeram esta 15ª edição do Curso de Formação Monástica. Penso no Procurador P. Lluc, na eficientíssima Agnese com seu marido Piotr, nas preciosíssimas Missionárias Filhas do Coração de Maria na cozinha, lavanderia e engomadoria, em todos os professores, em especial, Salvatore Russo pelos passeios culturais; nos intérpretes, todos bons, especialmente naqueles de nossa Ordem, que generosamente se disponibilizaram se ausentando por longo tempo de suas, igualmente, generosas comunidades: Pe. Bazezew de Shola que traduziu em Amárico para os irmãos etíopes; Pe. Guilherme de Claraval e Ir. Aline de S. Giacomo di Veglia para o grande grupo brasileiro; Pe. John de Dallas para o grupo inglês. Um grande trabalho foi feito por todas as tradutoras e tradutores dos meus Capítulos: Annemarie Schobinger para o alemão, e também para o francês que compartilhou com Ir. Michaela de Rieunette; Madre Eugenia de Talavera de la Reina para o espanhol; Sr. Aline para o português; Pe. Stephen de Dallas e Benjamin Harnwell para o inglês. Somos gratos a Pe. Galgano que preparou a liturgia e outros aspectos organizacionais.

Somos gratos também ao abade Eugenio, e a comunidade de Casamari, que nos acolheram tão generosamente no dia do nosso passeio, bem como a Benjamin e os outros que nos acolheram em Trisulti.

Agradeço também, em nome de vocês, a todos os benfeitores que apoiam financeiramente o CFM. Cito apenas a AIM (Alliance Inter-Monastères) que todos os anos, além de apoiar muitos de vocês, nos ajuda a cobrir as despesas em aberto.

Este ano, vocês prestaram preciosos serviços à Casa Geral, trabalhando um pouco todos os dias, sob a direção de Pe. Lluc, que também agradece junto comigo. Agradeço também pela qualidade de vida comunitária e do compromisso com os estudos e os atos comuns.

Este ano, 8 concluíram o Triênio: Ir. Marguerite Marie OCSO, de Notre-Dame des Gardes, Ir. Marie Véronique OSB, de Jouques, Ir. Maria Luiza OSB, do Mosteiro de Maria Mãe do Cristo, Ir. Maria Letícia OSB e Ir. Emanuela, da Abadia de Santa Maria de São Paulo, Ir. Bento OSB, do Mosteiro da Transfiguração, Ir. Mariæ Lætitia OCist, de St. Marienstern, e Ir. Béatrice OCist de Boulaur.

É sempre um pouco triste a despedida, mas vocês vão ver que a comunhão e a amizade nascidas nestes três anos, não serão perdidas e continuarão a tecer laços fecundos na grande família monástica.

Com os demais nos reencontraremos, se Deus quiser, no próximo ano, para continuar esta experiência de formação na comunhão. E, como sempre faz o Papa, me permito de pedir para rezar um pouco também por mim e por todos aqueles que trabalham para oferecer este Curso. Obrigado!